

A COMPREENSÃO DO SER HUMANO DE ACORDO COM A TEMPORALIDADE EM HENRI BERGSON

Alex Palmer S. Ribeiro*

Resumo

Em sua crítica ao determinismo e às teorias evolucionistas, Henri Bergson¹ questiona a real aplicação destas doutrinas para o entendimento do que seja a vida, acusando-as de terem privilegiado o aspecto do espaço em detrimento do aspecto da temporalidade. Uma análise da vida que parta somente da dimensão espacial do mundo, tal como se nos apresenta à nossa inteligência de maneira mais imediata (e confortável), tem como consequência a consideração do ser vivo em geral e do ser humano em particular como objeto das diversas ciências. Estas realizam o que a inteligência faz de melhor, que é lidar com as coisas inertes do mundo, e acabam por reduzir o ser humano aos limites do espaço, ali onde ele pode ser analisado, fragmentado e representado em estados justapostos, ao invés de ser a expressão de um único movimento da vida em duração. Para se contrapor a este tipo de análise, Bergson fala da intuição como o método primordial para lidar com a vida orgânica, capaz de fazer a inteligência ver seu próprio limite, e que propõe uma verdadeira mudança da direção natural do pensamento, uma inversão: partir do interior para o exterior, do móvel para o inerte, do indeterminado para o determinado.

Assim, a reflexão sobre o ser humano, como ser vivo, que não leve em consideração o tempo criará a ilusão de se conhecer a vida quando, na verdade, apenas um aspecto da mesma é tematizado, aspecto este que deixaria de lado o que é propriamente “vital” nos seres orgânicos. Com a aplicação da reflexão bergsoniana, em tempos de pós-humanismo, a

* Graduando em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE. Membro do Grupo de Estudos ‘Bergson e nosso tempo’. E-mail: apalmersj@jesuits.net

¹ Henri Bergson (1859-1941) nasceu em Paris. Em 1927, pela obra *A Evolução Criadora*, de 1907, ganhou o Prêmio Nobel de Literatura “em reconhecimento de suas ricas e vitalizantes ideias e a brilhante habilidade com as quais foram apresentadas” (Cf. <http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1927/>. Acesso em: 23 Ago 2014). *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* (1889), *Matéria e Memória* (1896), *A Evolução Criadora* (1907) e *Duração e Simultaneidade* (1922) são suas quatro maiores obras. Além destas, escreveu também *O riso* (1899), *Energia Espiritual* (1919) e *O pensamento e o movente* (1934).

consequência para o estudo filosófico do ser humano é patente: considerar a pessoa não apenas em sua espacialidade, mas inserida no tempo, é compreendê-la e abarcá-la como movimento contínuo, sempre unida à fonte da vida (ela vital), a desdobrar-se em incessante novidade.

Palavras-chave

Bergson; Intuição; Temporalidade; Pós-humanismo.

Introdução

As ciências, no tempo de Bergson, se desenvolviam a uma incrível velocidade, sobretudo incentivadas por elementos de um contexto histórico que já conhecemos. Com o despontar da era moderna, grandes revoluções ocorreram tanto no mundo da técnica quanto no campo da reflexão. O desenvolvimento da máquina levou o homem a, também, compreender a vida a partir do processo de mecanização. Em paralelo, sabemos que as técnicas para lidar com o corpo humano foram aprimoradas e se tornaram cada vez mais precisas.

Os perigos, no entanto, concernentes a todas essas transformações foram percebidos pelo filósofo. Sua voz, dentro do debate científico em polvorosa na época, era como um clamor por um modo mais autêntico de compreensão da vida. O que vemos hoje, no mundo, são os resultados de todo um processo que ele próprio testemunhara. Por isso, as suas reflexões neste sentido são ainda bastante esclarecedoras e iluminadoras em nossa tentativa de compreender em profundidade o que ocorre no mundo de hoje.

No nosso texto, apresentaremos algumas concepções caras ao pensamento bergsoniano, tais como a distinção entre inteligência e intuição, seu conceito de duração e a consideração do aspecto da temporalidade para uma compreensão mais adequada da vida humana. Num primeiro momento, trataremos sobre como a percepção de Bergson lhe fizera percorrer uma busca pela retomada de uma autêntica filosofia, que deve compreender a vida pelo esforço da intuição. Em seguida, apresentaremos alguns acenos de Bergson à dimensão temporal, a qual é frequentemente esquecida diante da primazia que se dá à dimensão espacial, ao mesmo tempo em que assumiremos, em poucas linhas, a crítica bergsoniana ao determinismo. Por fim, relacionaremos a crítica de Bergson ao tema do ‘pós-humanismo’, o qual insurge de modo poderoso frente aos nossos olhos e exige de nós uma resposta. Nesse

sentido, veremos, então, como o pensamento bergsoniano pode colaborar para um discurso que valorize a liberdade humana e a sua realidade interior, tão comumente esquecida.

1. O resgate do papel da Filosofia

É parte fundamental da produção de Bergson o apelo ao resgate do papel da Filosofia. Como filósofo, Bergson se colocou no centro do debate científico de sua época, correspondendo-se com muitos cientistas e pensadores. De fato, sua obra está permeada de um profundo conhecimento científico e isto se explica, justamente, pelo seu contato direto com os avanços de sua época, quando a técnica se apresentava em crescente domínio sobre a realidade humana, o que, percebe-se, preocupava-o bastante. É nesse sentido que podemos concordar que a obra de Bergson tornara-se um apelo ao resgate da interioridade, da vida do espírito, em contraposição à imposição recorrente dos processos de mecanicidade da vida, ao trato apenas da matéria. Bergson, como se vê, acreditou no poder da Filosofia, no sentido de que, por meio dela, seria capaz de oferecer luzes àqueles tempos sombrios para o destino da humanidade.

Para que alcançasse, pois, que a Filosofia ou Metafísica – termos que, em Bergson, se equivalem – fosse reconhecida como ciência dentre as outras, o filósofo intuiu que precisava resgatar o verdadeiro papel da Filosofia, o qual se teria, segundo ele, perdido com o passar do tempo, sobretudo pelo fato de que os filósofos, desde o início, tivessem desprezado o caráter da temporalidade em sua reflexão. A dimensão do espaço, neste sentido, foi supervalorizada pela Filosofia, a qual, por sua vez, sempre pretendia ser verdadeiramente Ciência e, por este intento, foi encontrando desafios na medida em que as Ciências, que dela nasceram, foram se tornando cada vez mais técnicas. Segundo o próprio Bergson, esta supervalorização do espaço pela Filosofia remonta a Zenão de Eleia, ao momento em que o filósofo pré-socrático quis quantificar um simples movimento de braço, realizando, desta forma, uma tendência natural da inteligência: dividiu o arco desenhado por um movimento contínuo e único em intervalos os quais, justapostos e então somados, resultariam no próprio movimento. A questão é que Bergson crê que, desde sempre, a Filosofia tenha sido – e permanece sendo – verdadeira Ciência, mas ela teria se equivocado no que diz respeito ao método que elegera: ela é Ciência, sim, e tão precisa quanto às outras, mas é ciência filosófica que, como tal, possui um método próprio e, portanto, distinto. Assim, entende-se que a Filosofia incorrera em erro justamente por ter recorrido aos mesmos métodos da Ciência, a qual se aplica pelo intelecto sobre a dimensão espacial do mundo.

Bergson diz que o nosso espírito possui uma tendência natural a ser matemático ou geométrico (BERGSON, 2005, p. 48). Justamente por isso, o espírito humano encontra-se em sua zona de conforto, no momento em que ele pode analisar, fragmentar, dividir. Aí encontramos lugar para uma verdadeira e cômoda atuação da inteligência. É deste modo, pois, que esta se realiza; é aí que a inteligência triunfa, pois “nossa lógica é sobretudo a lógica dos sólidos” (BERGSON, 2005, p. X). Debruçada sobre a matéria, a inteligência fragmenta-a em quantas partes forem necessárias, para que, tendo-as conhecido todas, volte a juntá-las e, deste modo, contentar-se de haver conhecido um novo objeto, um todo. Contudo, uma Filosofia que considera o aspecto da temporalidade deve entrar na realidade de um modo diferente. Não fragmentando-a ou dividindo-a, mas pela penetração no seu movimento interior, em sua duração – concepção a qual, por si só, já considera a temporalidade.

Duração é o termo do qual Bergson se utiliza para tratar do autêntico movimento da interioridade, o qual flui no tempo. Bergson insiste no sentido de que a vida deve ser pensada em duração, ou seja, que a reflexão sobre a vida deve considerar o seu movimento natural, a sua fluidez e que ali, no interior, há uma incessante mudança, criadora de novidades. Diz Vieillard-Baron, no pequeno glossário em sua obra sobre Bergson:

A duração bergsoniana é um dado interior da consciência. É a continuidade temporal que é imediatamente percebida na vida do espírito. Os momentos se interpenetram e se prolongam uns nos outros, sem que possamos distingui-los. Esta duração é um fator de mudança irreversível e de imprevisível novidade. (VIEILLARD-BARON, 1999, p. 108).

Ou seja, a duração, dentro do bergsonismo, escapa do senso comum que a considera como o tempo escorrido entre um início e um fim. Ao admiti-la, não podemos conceber que haja estados interiores estáticos, de cuja existência as Ciências, frequentemente, nos querem convencer. Esta mudança de método significa, pois, uma suspensão do intelecto, por assim dizer, para a aplicação de um modo que seja mais adequado, mais preciso em penetrar a interioridade. Este outro método seria, então, a intuição. Esta, ao lado da inteligência, constitui-se como um esforço para o espírito humano, pois o “filosofar consiste em se colocar no próprio objeto por um esforço de intuição” (BERGSON, 2006, p. 207). Esforço porque, diferentemente da inteligência, a intuição não faz parte do comportamento natural do ser humano que, pela inteligência, está apto a lidar com a matéria, a manipulá-la, mas não está apto a lidar com o espírito.

Bergson, vale dizer, é um filósofo que trabalha muito com dualidades. Em *As duas fontes da moral e da religião*, ele propõe as tendências estática e dinâmica da religião, por

exemplo; em *A Evolução Criadora*, ele trata, logo de início, de inteligência e intuição. À primeira vista, poderíamos estranhar e mesmo questionar se ele não estaria, ao filosofar, incorrendo no mesmo erro dos antigos, já que parece, também ele, trabalhar por fragmentação da realidade. Vemos, no entanto, que ele não fecha tais dualidades em conceitos rígidos, permitindo sempre um espaço de liberdade para a ação de uma na outra. Ele mesmo insiste que os conceitos em Filosofia devem ser como “representações flexíveis, móveis, quase fluidas, sempre prontas a se moldarem pelas formas fugidias da intuição” (BERGSON, 2006, p. 195). Na sua explicação sobre instinto² e inteligência, por exemplo, ele afirma que “não há inteligência ali onde não se descobrem vestígios de instinto, não há instinto, sobretudo, que não esteja envolto por uma franja de inteligência” (BERGSON, 2005, p. 147). Ou seja, a fragmentação que ele faz, se é que ela existe, nunca é absoluta e rígida. E embora ele insista na dualidade inteligência e intuição, o próprio Bergson deixa claro que ambas se integram. Esta distinção, portanto, é apenas metodológica. Intuição e inteligência são, para ele, duas vias para o conhecimento de uma mesma e única realidade. Nesse sentido, os dois métodos, da Metafísica e da Ciência, tocam, cada qual, um lado do absoluto e só uma aplicação cuidadosa das duas em integração é que permitiria conhecer o absoluto, pois

Os resultados obtidos dos dois lados irão confluir, uma vez que a matéria conflui com o espírito. Se a inserção não for perfeita, será porque há algo a ser retificado em nossa ciência ou em nossa metafísica ou em ambas. A metafísica irá exercer assim, por sua parte periférica, uma influência salutar sobre a ciência. De modo inverso, a ciência irá comunicar à metafísica hábitos de precisão que se propagarão, nesta última, da periferia para o centro. (BERGSON, 2006, p. 47)

A intuição, portanto, enquanto método da Filosofia, deve permitir a apreensão da duração que permeia toda realidade vivente. Faz-se mister, pois, que a Filosofia, ao recuperar o seu verdadeiro papel e intuição original, contribua para a reflexão do seja a vida.

2. A temporalidade e a crítica ao determinismo

É conhecido pelos estudiosos de Bergson o fato de ele ter rompido com a filosofia de seu mestre Herbert Spencer. Nas páginas de *A Evolução Criadora*, vemos Bergson, ora e outra, voltar a essa ruptura, a qual marca o início da reflexão que Bergson levaria até o fim de sua vida. Foi precisamente por Spencer haver desprezado a temporalidade, que Bergson julgou que não deveria continuar com ele. Para Bergson, o tempo não poderia, como queria Spencer, ser um nada. Ele tinha de ser um algo, necessariamente, porque, Bergson observara, o que faz nada, não é nada, mas o tempo faz algo, ele age. Assim, entendemos com Bergson

² Não iremos discurrir a respeito do instinto, mas vale destacar que, para Bergson, a intuição tem algo a ver com a vida instintiva.

que o tempo “é aquilo que impede que tudo seja dado de um só golpe. Ele retarda, ou melhor, ele é retardamento” (BERGSON, 2006, p. 106).

Bergson era a favor, portanto, de uma reflexão sobre o ser humano que o considerasse não apenas em seu aspecto exterior, mas em sua interioridade. Neste sentido, o autor tece de elogios a psicologia, valorizando-a pelo reconhecimento dos estados psicológicos os quais são, por sua vez, fluidos – ao mesmo tempo em que criticava, no entanto, suas tentativas de tomar os estados psicológicos como estáticos ou como se fossem blocos. Tais tentativas são ilusórias, pois, como diz Bergson, “ali onde há apenas um suave declive, cremos perceber, ao seguirmos a linha quebrada de nossos atos de atenção, os degraus de uma escada” (BERGSON, 2005, p. 3).

Ao criticar os procedimentos científicos em *A Evolução Criadora*, Bergson começa pela análise e crítica do determinismo, sob as formas do finalismo e do mecanismo. Essas duas tendências deterministas não são adequadas para compreender a vida. Contudo, ao longo de seu estudo, Bergson trabalha com a possibilidade de integrá-las, não de desprezá-las, valendo-se daquilo que, nessas doutrinas, possa ajudar a compreender a vida em sua duração. Ele diz, acerca do conteúdo do primeiro capítulo da obra, que

experimentamos no progresso evolutivo as duas roupas de confecção de que nosso entendimento dispõe, mecanismo e finalidade; mostramos que nenhuma das duas serve, mas que uma delas poderia ser recortada, recosturada, e, sob essa nova forma, servir menos mal que a outra. (BERGSON, 2005, XV)

Outra dualidade sobre a qual trata no seu texto *Introdução à Metafísica*³ é intuição e análise. O método das ciências, conforme o entendimento de Bergson, é a análise, termo que, no texto, equivale a inteligência, ou intelecto. Ele afirma, frequentemente, que as ciências se aplicam sobre as coisas do mundo seguindo o movimento natural da inteligência. Logo, entende-se que é justamente deste modo que a ciência se debruça sobre as realidades e é aí que se esconde o perigo: o de tratar a vida em sua fluidez como coisa estática, como algo que espera para ser fragmentado.

Se assim se entende, com Bergson, a aplicação da ciência sobre a realidade vivente, entende-se, então que o mesmo se dá com o *logos*, visto que a linguagem, para Bergson, está em continuidade com a aplicação de análise sobre as coisas. Ela funciona, assim, analiticamente. Deste modo, se concordamos que a linguagem funciona conforme uma lógica, devemos admitir que ela é de caráter sequencial, o que contradiz o caráter de simultaneidade

³ In: BERGSON, 2006, p. 183-234.

da realidade do espírito, da interioridade. O nosso movimento interior, por exemplo, com suas nuances, afetos, não se organiza por justaposição, mas somos capazes de sentir tudo de uma só vez e a um só tempo. Assim, pela linguagem, cremos poder organizar toda a confusão que um tal movimento nos representa. Mas esta tentativa de organização pode ser imprecisa e perigosa, posto que isto o fazemos pelo ato de nomeação e classificação em partes. Portanto, a linguagem não é apta para falar da vida.

Compreendemos, então, que a inteligência deve ser compreendida apenas como um aspecto da vida, por isso não podemos tomá-la como um absoluto. Bergson mesmo critica a filosofia evolucionista de Spencer que quisera transformar a inteligência, qual “lanterna manobrada no fundo de um subterrâneo em um Sol que iluminaria o mundo” (BERGSON, 2005, p. XI). A inteligência quer determinar as coisas, dividi-las e, ao mesmo tempo, estar segura delas por meio da previsibilidade, uma vez que conhecendo as causas das coisas e notando como elas funcionam, torna-se possível prever a ação seguinte. No texto de Bergson, vemos ainda que a inteligência não dá conta do novo, daquilo que é o inesperado. Segundo o autor, ela “não admite o imprevisível” e “rejeita toda a criação” (BERGSON, 2005, p. 177). Por conseguinte, fica fácil assimilar que no tocante à inteligência devemos ser cuidadosos ou, até mesmo, dela desconfiar toda vez que ela se propõe a dizer o que é a vida, já que, como diz Bergson, “a inteligência escancara sua falta de jeito assim que toca no vivo” (BERGSON, 2005, p. 179).

3. O pensamento bergsoniano num contexto de ‘pós-humanismo’

A partir de todo o discurso apresentado, torna-se possível, agora, imaginar que consequências negativas podemos esperar de um tratamento inadequado da realidade humana, um tratamento que não leve a temporalidade em consideração e que, antes de tudo, tenta fragmentar o movimento indivisível da vida interior. No processo de desenvolvimento do humanismo e, posteriormente, do pós-humanismo, vislumbramos, atônitos, a expansão do domínio da materialidade que intenciona, ao mesmo tempo, abarcar com igual aplicação, a humanidade. Esta situação atroz, muito certamente, teria preocupado Bergson. Mas sabemos, ao mesmo tempo, que ele já se punha no núcleo do embate vivenciado pelo filósofo.

Quando se prioriza apenas um aspecto da vida humana (a espacialidade, no caso) aqueles que se debruçam sobre o tema da vida correm o risco de se iludirem, de modo a acreditarem que conhecem o que é a vida. Mas a espacialidade, como vimos, é incapaz de

apontar para a interioridade da vida humana. Desconsidera-se, pois, a vida como um movimento de incessante novidade e de caráter incomensurável.

Bergson trata, ainda, no segundo capítulo de *A Evolução Criadora*, das tendências da vida, as quais teriam se repartido em um processo contínuo originado por uma única impulsão de vida, ou o *elã vital*. As tendências são a da inteligência e a do instinto. Ambas teriam se repartido de tal modo a alcançarem plenitude no instinto social das formigas e abelhas, pela via dos insetos, e na inteligência humana, pela via dos vertebrados. As duas formas de vida, a instintiva e a inteligente, distribuídas em suas diversas espécies, produziram, cada uma a seu modo, instrumentos para a sua própria sobrevivência no meio da hostilidade do mundo em que tinham de habitar. O instinto teria formado os mais variados instrumentos organizados (ou orgânicos) que caracterizam, em grande parte, a vida animal. Veja-se, por exemplo, o ferrão de um escorpião ou as pinças de um caranguejo. Contudo, tal formação representa, para o caso destas espécies, uma grande desvantagem: ainda que cada instrumento organizado seja bastante eficaz e extremamente preciso no cumprimento de sua finalidade, cada qual só terá espaço para ação quando em contato com o objeto que lhe corresponda. O homem, pelo contrário, criador de instrumentos inorganizados⁴ (inorgânicos), possui uma liberdade quase infinita de atuação por sua adaptação aos diversos tipos de situações (BERGSON, 2005, p. 149-153)

Em contrapartida, é justamente, pois, da grande capacidade criadora do homem, que testemunhamos o nascimento e desenvolvimento de diversas ameaças contra a humanidade mesma. As Grandes Guerras do século XX, bem como todo o alvoroço causado pelas diferentes formas de terrorismo e ameaças de domínio, são situações que atestam e ilustram os limites espantosos aos quais o processo de mecanização da vida podem levar.

Assim, entendemos que um trato mecânico da vida humana conduz ao tratamento das pessoas sob o mero olhar da objetividade, o que visualizamos claramente na aplicação desumana de procedimentos burocráticos e, de um modo extremo, no campo da medicina, a qual atua frequentemente sem considerar o estado psicológico do paciente, o seu próprio desdobramento interno e psíquico diante da enfermidade e terapias as quais precisa enfrentar. Reconhece-se, pois, um verdadeiro processo de coisificação da pessoa, contra o qual Bergson já se contrapunha ao afirmar, de diversos modos, que a inteligência é apta para lidar com as

⁴ Por esta razão, Bergson chega a destacar a habilidade fabricadora do homem pela aplicação do termo *homo faber*. (BERGSON, 2005, p. 151)

coisas do mundo, mas não com a vida, visto que “a inteligência é caracterizada por uma incompreensão natural da vida” (p. 179).

Conclusão

No contexto do ‘pós-humanismo’, portanto, vemos que o pensamento bergsoniano tem muito com o que colaborar. A consideração da temporalidade leva, pois, a uma compreensão mais adequada da liberdade do ser humano. A iminente possibilidade de controle da vida humana encontra-se, sobretudo, numa aplicação consciente ou inconsciente de algum tipo de determinismo, pelo qual a previsibilidade sobrepõe-se à liberdade: assegurados da continuidade exata dos fatos humanos, de suas causas e origens, tornamo-nos capazes de prever, a cada passo, o passo seguinte. Isto implica, no entanto, numa desconsideração do caráter de criação de novidades que é própria do movimento vital.

Deste modo, basta-nos um olhar sobre a nossa realidade interior para nos apercebermos de que nossos sentimentos não obedecem a qualquer sequência natural ou lógica. Lidamos, constantemente, com a imprevisibilidade própria de nós mesmos, segundo a qual nos tornamos, até mesmo, impossibilitados de saber como reagiremos a eventos futuros relativamente próximos. Trata-se, assim, de assumir, com Bergson, a existência intrínseca de uma descontinuidade entre o possível e o real, entre as minúcias daquilo que projetamos e o que de fato se realiza. Esta é uma relação presente em um texto⁵ cuja conclusão queremos citar aqui. Após tomar o tempo como o ‘imediatamente dado’, constatado ao menos como “jorro efetivo de novidade imprevisível”, frente às tentativas de perverte-lo ou dizê-lo como inexistente, Bergson diz que tanto a Filosofia quanto nós mesmos lucraremos com isso, no sentido de que “sobretudo seremos mais fortes, pois da grande obra da criação que está na origem e se desenvolve diante de nossos olhos nos sentiremos participar, criadores de nós mesmos” (BERGSON, 2006, p.120-121).

Referências

BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *O pensamento e o movente*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

VIEILLARD-BARON, Jean-Louis. *Compreender Bergson*. Petrópolis: Vozes, 1999.

⁵ *O possível e o real*. In: BERGSON, 2006, p. 103-121.